

**IP**

Instituto de Prospectiva

---

Artigo

**Prof. José Mariano Gago**

REVISTA "COLÓQUIO-EDUCAÇÃO"

**"ÉLOGIO DA SUPERIORIDADE: UMA IDEIA FERROZ DE UNIVERSIDADE"**

Lisboa  
Revista "Colóquio-Educação"  
23 de Junho de 1993

## Elogio da Superioridade: Uma ideia feroz de Universidade

"Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
E eu, tantas vezes reles, (...)"

Álvaro de Campos, **Poema em linha recta**

### I

Ao pedir-se, para a Universidade, "uma ideia", como se em termo e conclusão de manifesto, mas sem que este explicitamente exista, duas vias sobram: ou a "ideia" proposta corresponde à identificação de um ideal latente, de uma imanência próxima que os factos e as consciências sabem sem todavia reconhecerem ainda totalmente, e que o pensamento da própria Universidade, ela mesmo portanto, assim e aqui exprimem; ou, pelo contrário, essa "ideia" emerge do oceano larguíssimo dos desejos e da corrente fria onde navegam as utopias, e é daí, como utopia e desejo, que a ideia é proposta, a todos, e em primeiro lugar à própria Universidade.

Utopia que a Universidade em si transporta e germina, ou utopia ainda, mas difundida de fora para dentro e que a Universidade é convidada a seguir, o estatuto da "ideia" de Universidade é pois sempre, em qualquer dos casos, o de uma utopia mobilizadora, com o seu quê de arbitrário e ferocidade, a carga e o lastro afectivo dos grandes conflitos bipolares: a revolução ou o conservadorismo, a abertura ou o fecho.

A ideia de uma "ideia para a Universidade" não tem, por isso, nada de prospectivo ou realista, nem se lhe exigirá, por certo, uma verdade no tempo que a realidade complexamente tece e a análise sabe, ou tenta, entender. O terreno dessa "ideia" é o da cegueira e do combate, se quisermos exprimir a fúria juvenil que só a parcialidade permite e potencia. Não se lhe pedirá ciência nem isenção ou equilíbrio de perspectivas. Uma ideia destas não é mais que uma qualquer, mas defende-se como única. Só assim, feroz e, se puder, incómoda, cumprirá o desejo que a manda tentar impor-se, transformar os espíritos e através deles a realidade das coisas e finalmente esgotar-se e

fazer-se esquecer — se for vitoriosa — ou manter-se de reserva, capital de sonho sem remédio, talvez para sempre, se perder.

## II

É duplamente feroz a ideia que proponho, pois cinicamente propõe esconder a sua ferocidade, negá-la quanto baste e distinguir, nesse jogo de espelhos, um severo percurso de iniciação onde nem todos — dessa ideia contudo única — terão a mesma ideia. Não só não é preciso que a tenham como o contrário é essencial: todos pensarão por si, mas a óptica das ideias vai fechar-se algures mais longe, onde uns terão dos outros uma perspectiva que a cada grupo parecerá não só única como superior.

É talvez essa — quem sabe — a chave da ideia: uma Universidade da superioridade. Superiores hoje ao que foram ontem e amanhã ao que são hoje, uns superiores aos outros, a ideia de superioridade conduz, para o bem ou o mal, indivíduos e grupos, transforma arranjos organizacionais, condiciona o movimento de renovação e o olhar das instituições universitárias, umas sobre as outras, entre si interrogativamente superiores. É pois natural que a Universidade, como instituição, se sinta superior por natureza, e superior a outras instituições de índole diversa. Em nome da superioridade, aliás, acolhe e exclui, sem nunca estarmos totalmente certos da verdade actual de qualquer desses estados a não ser na realidade inefável das ilusões, afectivas ou formais. Assim, a apropriação confiante e fundadora da ideia da superioridade confere à Universidade uma superioridade inegável.

A Universidade da superioridade, é essa a ideia, por vezes também será medíocre, covarde e inferior. Ninguém de tal duvidará. Mas a uns diremos melifluamente que a mediocridade se supera, a cobardia se altera e a inferioridade se compensa com outros, dinâmicos atributos. A outros, como se falássemos verdade, confiaremos que a mediocridade de uns sustenta a nobreza dos outros, que o preço da igualdade é a escala dos possíveis, a cobardia uma paz antes da tentação e a inferioridade um conceito apenas relativo e de aferição interna. Toda a Universidade é assim (afirmaremos) superior ao que lhe é exterior e dessa fronteira, difusa embora e aberta, todavia mais escadaria que portal, dessa fronteira tira ela a força de afirmar

para dentro, quantas vezes forem precisas, os estratos hierárquicos e as relações de ordem que fundam as distinções, a igualdade na diferença, os equilíbrios subtis que sustentam o todo superior e fazem cada parte não só superior em si mas com terreno suficiente à volta onde se afirme e contra quem se saiba superior.

Para que a superioridade universitária seja em tudo tão verdadeira que até verdadeira pareça aos que dela carecem (e não serão os universitários os menos carentes desse afecto) é contudo necessário que alguns — instituições, grupos, pessoas — se saibam ou declarem inferiores. É indispensável que continuamente uns dela saiam com desprezo, e outros fiquem, embora envergonhados, displicentes ou verdadeiramente revoltados.

A inferioridade assumida por alguns acrescenta não apenas à ilusão mas à realidade da superioridade geral da Universidade.

Mas é também indispensável que a superioridade, frequentemente, se sublimem em soberba, os inferiores usurpem, ou julguem usurpar, a superioridade que sabemos não lhes caber pelo mérito ou pelo trabalho. Só os tolos protestarão. Faz parte da superioridade a ilusão que o vício de se ser superior atrai. É bom que muitos dos que verdadeiramente, chamaríamos superiores, o sejam apenas na consciência fraca de alguns e que a corporização dos ideais de superioridade se faça, com frequência notada, em indivíduos falhos e poucos mas tão cheios de si que o inchaço das estátuas em que, pouco a pouco, se convertem se torne efectivamente real e objecto de culto prolongado. Não são apenas as honrarias de ocasião ou as praxes ou os hábitos que fazem os monges deste princípio absoluto da superioridade ideal. Há vantagens inegáveis na separação entre os superiores e a superioridade, apenas igualáveis pela ocupação justíssima dos lugares superiores por indivíduos maioritariamente inferiores.

A didáctica da superioridade tem destes paradoxos para o profano. As estátuas, os retratos, os lugares são como as figuras emblemáticas dos santos ou as marcas visíveis dos ofertantes nos mistérios. É bom que se saiba, em cada circunstância, distinguir a instituição dos indivíduos, a regra da excepção. A superioridade universitária far-se-á, se necessário for, com indivíduos inferiores apenas, nunca totalmente desprovidos todavia daquela superioridade de que a instituição, pela sua essência, neles deposita e da grandeza que a Universidade generosamente lhes empresta.

### III

Dir-se-á que no saber está a essência da Universidade. Daí até ao erro comum de se crer que a superioridade do saber funda a superioridade universitária, vai um perigoso e funesto passo. Esse erro é evidentemente útil e deve portanto ensinar-se. Mas permita-se-me a franqueza: é a superioridade da Universidade que funda a superioridade do seu saber, não o contrário. Não que o saber seja irrelevante ou subordinado: ele é a essência, não da Universidade, mas da sua imagem e essa é tão importante como a cara que sempre se traz connosco, mas menos que a máscara, hoje só aparentemente em desuso por demasiado banalizada e mediatizada, tanto que nem já requer a forma material e incómoda do antigo teatro.

Todos sabemos que o saber superior, aliás, não está necessariamente — de per si — na Universidade, cujos princípios, embora não sendo realmente antagónicos aos que fundam a superioridade do saber como *scienza nuova*, são contudo outros (e, do ponto de vista universitário, legitimamente superiores).

O saber superior germina, não na Universidade em si mesma, mas nas casas do artesanato do saber, nas oficinas de investigação que o mecenato público, por vezes privado, cobre do seu manto culto, e onde não há alunos, nem professores, nem contínuos, mas artesãos, aprendizes, às vezes mestres.

Acontece por vezes, há instituições que na sua história e mesmo na sua génese tiveram esse privilégio, que em certos casos a Universidade é mecenas ela mesma das oficinas de cultura e saber que são os lugares da investigação, acolhendo-os no seu seio sem os perturbar, chamando a si mestres do ofício da pesquisa e sentando-os, acolhedoramente, num lugar vago no capítulo dos doutos lentes...

A humildade do saber não funda com frequência instituições, muito menos superiores ou eternas, talvez em resultado da dependência frágil do saber ao clima, à singularidade dos indivíduos, à liberdade preciosamente necessária e sempre ameaçada que aos outros parece um luxo, um devaneio. A ideia de superioridade, sendo-lhe essencial de outra forma, não ganha facilmente corpo no seu terreno próprio. É pois à Universidade, não ao saber, que a superioridade confirmadamente pertence.

Transpirou para o profano a célebre mensagem iniciática que acompanhava escatologicamente a passagem ao grau de doutor e definia, sem desprezo algum, mas com a verdade apenas das coisas fortes — "um burro carregado de livros" — que a exegese vulgar interpretava, e bem, como afirmação de superioridade na modéstia do saber que a si mesmo se reconhece finalmente limitado e imperfeito. Mas há outro sentido ainda, e mais profundo, que os verdadeiramente sábios conhecem e generosamente escondem: é o sentido literal a que os verdadeiramente burros, carregados de livros não menos verdadeiros, e muito justamente empossados na dignidade doutoral, deveras correspondem. Há razões de Universidade, como há razões de Estado. E é não entender a raiz suprema da superioridade universitária julgá-la ofendida tão só porque o exercício de um cargo ou o uso de um grau não encontram nas qualidades transitórias do saber do titulado aparente razão de escolha. Que importa por vezes o saber se é de regras e ritos a essência?

Falo desta maneira franca apenas àqueles que são superiores em tudo ... Esses me entenderão. Suspeito que a comunidade de interesses é, em cada um dos estratos da Universidade, cimento suficiente para a solidez do todo, feito embora de verdades parciais e tão contraditórias que poderão parecer, a uns mentiras, e a outros, indecentes subterfúgios. Esses não sabem o que dizem — embora à Universidade também convenha, na sua superioridade integradora, a legitimação que advém às instituições verdadeiras por via da crítica radical dos que nela afinal vêem uma essência futura a cumprir. Porque não afinal ? Não é afinal a concretização, por vezes, da Universidade do saber, da absoluta elevação do espírito e do reconhecimento do génio, que justifica, legitima a Universidade da ignorância? Não está também aí, por uma ironia que alguns chamarão do destino e que me convenço ser apenas divertidamente cómica, uma nova revelação da superioridade académica e da unidade do espírito que a anima?

É subtil o tecido nunca dito das razões para que a Universidade seja tão una e tão diversa. Não seria mais simples depurá-la pela fragmentação selectiva — aqui uma, além outra, ali uma que não serve, e assim sucessivamente?

É interessante que assim pensem os iniciados que se destinam à via localista, à regência de paróquias, faculdades, departamentos ou agregados dos locais com nomes de Universidade desta ou daquela terra: Lisboa, Bragança, Viseu. É bom que alguns deles esqueçam o essencial e se concentrem criticamente

no acessório. Pouco a pouco, alguns desprender-se-ão dessa ideia primitiva de que cada Universidade vale por si e verão a universalidade do espírito universitário, através das fronteiras e das disciplinas, para lá do presente dos indivíduos. Desses poucos, alguns julgarão entrever razões para a superioridade universitária no que lhe é secundário ou exterior: a passagem à idade adulta, um mercado matrimonial protegido, a selecção e reprodução de grupos sociais. Mas estas razões mudam com a própria extensão da Universidade que, de certa forma, as desmente como essenciais.

O essencial está dito. A superioridade da Universidade é superior a tudo o que dela se pensa. Essa ideia — que é a de Universidade — tem o tempo todo, porque de toda a eternidade haverá na inferioridade um apelo fatal, e da superioridade uma necessidade feroz.

## IV

Mas não é a Universidade, também e especialmente, uma instituição de **ensino**? Sem dúvida. Por isso também a ideia de superioridade lhe é tão natural, associada naturalmente à função reprodutiva e de mestiçagem que o ensino superior pratica e revela. Os superiores ensinam os inferiores, cruzam-se com elas e transformam-nos, pela graça do verbo, em assimilados, como se dizia dos mestiços educados, em certa época da história colonial. É o destino da maioria, sendo certo que o professor universitário é, por natureza universitária, necessariamente superior ao diplomado. Destes, contudo, alguns poucos reproduzirão o próprio sistema como professores e, de assimilados, passarão a superiores. O sistema é pois assim aberto e tem, por este facto, um princípio coerente e imutável de perpetuação. A longevidade da Universidade, longe de se esgotar, renova-se na ideia de superioridade que o ensino premeia e, ao repôr sabiamente, em ritmos diversos, as populações discente e docente garante o alimento fresco que a duração carece. Sem ensino, a Universidade poderia abolir-se como em tempo os conventos. Aberta à aplicação pública da sua própria ideia constitutiva, não só se torna eterna como tende a expandir o seu universo ao maior número — tanto mais quanto escasseiem, na sociedade, outras fontes de racionalidade (como hoje se diz), i.e., de afirmação inequívoca do princípio da superioridade.

A Universidade não só afirma e pratica esse princípio como de facto implicitamente o ensina, ao avaliar comparativamente e seriar os diplomados, directamente pelas classificações de entrada, de saída, e de cada disciplina, indirectamente pela pertença a esta ou àquela escola ou curso mais ou menos prestigiado, i.e., superior, ou ainda pela relação — curricularmente registável — com este ou aquele professor com quem se trabalhou ou meramente de quem se seguiram as aulas, professor esse por sua vez mais ou menos notável, logo superior na escala rigorosa mas difusa das superioridades relativas dos mestres das várias Escolas.

A superioridade do Ensino Universitário fá-lo — naturalmente — ignorar com grande à vontade o ensino anterior, ou melhor, a relação entre as aprendizagens do ensino secundário e as do ensino superior. A entrada no Ensino Superior é vista como uma passagem, um corte a não diluir sob pena de abalar os próprios fundamentos da superioridade Universitária. A mitologia do horror universitário designa por "liceu avançado" o estado de degradação a que a Universidade se expõe em potência e onde se arriscaria a cair — como se cai em pecado ou em tentação ou no inferno — se alguma vez deixasse desproteger essa fronteira inferior com a barbárie e não ritualizasse e sublimasse a sua diferença de natureza, o seu estatuto próprio inconfundível, de superior em tudo.

As praxes estudantis perceberam-no bem, e a sua revitalização mostra desde logo um dos mais puros sucessos do ensino das mentes superiores. Quanto mais o espírito da época exigir garantes e produtores visíveis de superioridade indiciável, mensurável e verificável, mais a Universidade se torna folclórica e carnavalesca nos ritos de passagem (a entrada dos caloiros; as provas académicas dos professores e dos novos doutores; as formaturas e até as benções) e minuciosa na seriação milimétrica, milesimal, dos diplomados, acrescentando se necessário provas sobre provas, trabalhos sobre exames — onde finalmente se revelará o décimo de valor, o centésimo de média que separará os superiores dos meio-superiores e assim sucessivamente e sobretudo devolverá à angustia social uma figura de racionalidade securizante, a mensuração garantida na escala das superioridades, um controle de qualidade ideal porque individualizado e rigorosamente quantificado.

É paradoxalmente a renovação dos efémeros tempos individuais dos que passam, frequentam ou ficam na Universidade que alimenta a sua insaciável e sempre satisfeita sede de eternidade. Não será por acaso que a nossa época,

obcecada com a sublimação imaginária da morte, veio trazer um alento desmedido à criação ansiosa de tantas novas Universidades, padrões encantatórios da perenidade conseguida simbolicamente e unindo, para lá dos indivíduos, os sítios à história do futuro que a Universidade do lugar é incumbida, à nascença, de tentar fixar ao fundo rochoso do que para sempre fica. Poucas acções se escrevem nos nossos dias tão apegadas à eternidade como a criação contemporânea de Universidades, sacrifício à exaltação do tempo, superação, pelo tempo, da contingência e da estreiteza por demais óbvia do lugar, da competência ou de outras circunstâncias. A instituição universitária tem, de nascença — ou julga ter — maior esperança de vida que o sábio, muito maior que o livro, o edifício ou mesmo o fundador.

A sua longevidade bebe — à partida — as virtudes miméticas da Universidade-em-abstracto que cada nova realização não perturba em nada, antes actualiza e renova. Mal se cria, logo o tempo sincopado e cíclico do ensino fornece as memórias dos que por lá passaram e a tornam parte sólida, indestrutível, das suas vidas. É ela que faz a idade de ouro de uma geração, a que se segue outra e outra de estudantes; debruada entre estas, de tempos a tempos, mais lentamente, de forma a assegurar-se a solidez da trama que o tempo universitário precisa, organiza-se a lenta procissão dos mestres, a novidade dos artifícios exteriores, a adaptação simbólica da arquitectura à realização peculiar que a cultura do meio tenha do que é necessário aparentar para dela se poder dizer, a cada passo, que está para ficar. Lavar e durar, podia ser a divisa temporã da Universidade e a superioridade do seu feitio arrastado mas solene, fonte de paixões imediatas, reformadoras, mas todavia estabilíssimo — apesar de composto de humores variáveis, incertos, sem memória (ou talvez por isso).

## V

É justo finalmente que ao elogio da superioridade formal suceda a crítica da verdade. A Universidade tem deslizes: há nela por vezes expressões de uma real superioridade de cultura, de espírito crítico e independência, de profundidade, penetração e capacidade de descoberta que perturbam a ordem estabelecida. A forma chega. A verdade confunde, lança a dúvida sobre capacíssimos dirigentes algo menos dotados, altera a paz que a ideia de

superioridade empresta à academia. Ambos os termos, contudo, a forma institucional e pacífica da superioridade, ou o seu modo pessoal, criativo e atrapalhador se podem reivindicar da ideia de superioridade. O conflito entre ambos dá corpo e nervo à vida das instituições em períodos críticos, e ajusta-se que nem uma luva ao relevo do terreno de combate onde esvoaçam cavaleiros andantes — expoentes de saber e de acção crítica independente, arcanjos do mito académico raramente realizado — contra um exército de praxes, togas e insígnias e um pântano longuíssimo de formas preciosas e brutais, suporíferas e bloqueadoras, eternas.

Há também, quero crer, Universidades óptimas e acima de toda a suspeita.

Não se lhes aplicam decerto todas as leis naturais de gravitação e do figurino universitário, e é-lhes indiferente a ideia de superioridade. Pode suspeitar-se, justamente, que talvez já não sejam sequer Universidades, mas mutantes que levitam.

Era ideal (nesta ideia feroz) que não tivessem nem unidade de tempo nem de lugar nem de acção.

Que delas se não soubesse mais do que as lendas, puros Olimpos onde corresse a ambrósia e o mel e onde o viajante fosse acolhido com a hospitalidade devida, ouvidas as suas aventuras e agasalhado junto ao lume. Alguns vêm nelas o futuro paraíso, a assíntota da história universitária, a sua essência revelada.

E se é aí que desejaríamos ao menos passar no regresso a Ítaca, após uma vida de universitários combatentes, cheios de histórias tremendas e gostosas para vos contar um dia, confessamos cinicamente a sede de combate que nos anima e impele de regresso a casa, à Universidade confusa e para sempre inferior donde nunca completamente partimos — que desejamos odiar e todavia amamos, contrafeitos: é outra, esta mesma mas outra, superior, a que temos no desejo...

Lisboa 23 de Junho de 1993

José Mariano Gago

## RESUMO - Elogio da Superioridade: Uma ideia feroz de Universidade

(...) É talvez essa — quem sabe — a chave da ideia: uma Universidade da superioridade. Superiores hoje ao que foram ontem e amanhã ao que são hoje, uns superiores aos outros, a ideia de superioridade conduz, para o bem ou o mal, indivíduos e grupos, transforma arranjos organizacionais, condiciona o movimento de renovação e o olhar das instituições universitárias umas sobre as outras, entre si interrogativamente superiores. É pois natural que a Universidade, como instituição, se sinta superior por natureza, e superior a outras instituições de índole diversa. Em nome da superioridade, aliás, acolhe e exclui, sem nunca estarmos totalmente certos da verdade actual de qualquer desses estados a não ser na realidade inefável das ilusões, afectivas ou formais. Assim, a apropriação confiante e fundadora da ideia da superioridade confere à Universidade uma superioridade inegável.

A Universidade da superioridade, é essa a ideia, por vezes também será medíocre, cobarde e inferior. Ninguém de tal duvidará. Mas a uns diremos melifluamente que a mediocridade se supera, a cobardia se altera e a inferioridade se compensa com outros, dinâmicos atributos. A outros, como se falássemos verdade, confiaremos que a mediocridade de uns sustenta a nobreza dos outros, que o preço da igualdade é a escala dos possíveis, a cobardia uma paz antes da tentação e a inferioridade um conceito apenas relativo e de aferição interna. Toda a Universidade é assim (afirmaremos) superior ao que lhe é exterior e dessa fronteira, difusa embora e aberta, todavia mais escadaria que portal, dessa fronteira tira ela a força de afirmar para dentro, quantas vezes forem precisas, os estratos hierárquicos e as relações de ordem que fundam as distinções, a igualdade na diferença, os equilíbrios subtis que sustentam o todo superior e fazem cada parte não só superior em si mas com terreno suficiente à volta onde se use e contra quem se saiba superior.

Para que a superioridade universitária seja em tudo tão verdadeira que até verdadeira pareça aos que dela carecem (e não serão os universitários os menos carentes desse afecto) é contudo necessário que alguns — instituições, grupos, pessoas — se saibam ou declarem inferiores. É indispensável que continuamente uns dela saiam com desprezo, e outros fiquem, embora envergonhados, displicentes ou verdadeiramente revoltados.

A inferioridade assumida por alguns acrescenta não apenas à ilusão mas à realidade da superioridade geral da Universidade. (...)

José Mariano Gago